

## APORIAS, UTOPIAS E A LUTA PELA DIGNIDADE: O MIGRANTE NO *THE CHILDHOOD OF JESUS* DE J.M. COETZEE

Maria Paola Guarducci (Università Roma Tre, Italy)

**RESUMO:** Os romances do sul-africano J.M. Coetzee têm muitas vezes enfrentado a relação entre indivíduos e terra em termos de recusa / desejo / pertença recíprocos. Nenhuma das personagens criadas por ele pode ser compreendida sem a análise da ligação que ele tem com a terra; uma ligação que para qualquer escritor sul-africano não pode prescindir das pesadas implicações históricas que o caracterizaram durante os séculos. Apesar da figura do migrante não ser nova na obra de Coetzee - Michael K em *Life and Times of Michael K* (1983) representa um dos primeiros e mais comoventes exemplos – o seu penúltimo romance, *The Childhood of Jesus* (2013), trata do tema de forma explícita e extrema. A história desenvolve-se num país de ficção no qual migrantes de diferentes proveniências são inseridos após um processo de cancelamento da memória e o subsequente disciplinamento da sua quotidianidade segundo regras austeras e impessoais que parecem mirar a uma monótona, na qual as necessidades primárias são concretizados sem fantasia e o prazer e desejo são completamente negados. Esta participação analisa a peculiaridade da figura do migrante no *The Childhood of Jesus* com particular atenção a como a reelaboração literária de uma das figuras mais emblemáticas da contemporaneidade constitua o último capítulo de uma reflexão do autor sobre *dispossessed* da terra.

**PALAVRAS-CHAVE:** Utopia . Distopia. Migração. Literatura pós-colonial. África do Sul. Coetzee

Terra, raízes, pertença são desde sempre os nós cruciais em toda a obra J.M. Coetzee. A minha reflexão gira à volta do seu penúltimo romance, *The Childhood of Jesus* (2013) que se doba significativamente à volta da figura do migrante; uma figura que se tornou cada vez mais emblemática da contemporaneidade e extremamente relevante relativamente aos nós mencionados anteriormente. Por migrante aqui se entende um indivíduo que no seu movimento revela um contraste violento entre a natureza ideológica das regras que disciplinam o espaço, com ideias de nação e de identidade ligadas ao mesmo, e o aspeto mais emotivo e imaterial, mas não por isso menos consistente, que liga os indivíduos à terra como *home*, ‘casa’. O migrante portanto, como figura extrema, trágica: não um/a viajante um/a aventureiro/a mas muito mais simplesmente como aquele/a que deixa a própria casa e não tem possibilidade de voltar, apesar do seu desejo ou da sua intenção. Uma pessoa que na sua recolocação ‘algures’ sofre, como escreveu Salman Rushdie, uma “triple disruption [...], he enters into an alien language, and he finds himself surrounded by beings whose social behaviour and codes are very unlikely, and sometimes even offensive to, his own.” (RUSHDIE, 1991, p. 278).

Um homem de meia-idade e um menino chegam a um país não especificado. Chegam de um campo de refugiados no deserto, no qual foi-lhes dada a possibilidade de

escolher entre a velha e a nova vida. Optaram por uma nova vida: isto significou atribuir uma nova identidade e uma espécie de despedida, que o texto deixa perceber sem investigar as modalidades, da memória. Apenas alguma vaga recordação sobrevive nos pensamentos do adulto. Os dois chegam juntos mas não estão ligados por vínculos de parentesco. Os passaportes deles têm nomes fictícios, Simòn e Davìd, os únicos que lhes darão a conhecer, e uma data de nascimento hipotética, que sabemos não corresponder à verdadeira. Apercebemo-nos que no campo de refugiados lhes ensinaram espanhol, mas a informação não ajuda a situar geograficamente a narração, a não ser em âmbito pós-colonial – talvez latino-americano - sendo o espanhol definido no texto, em modo lapidário e não comentado, como uma língua originária da Espanha.

No *Relocation Centre* de Novilla, onde o romance se abre, é dada aos dois uma esquálida casa para viver e o homem obtém um trabalho manual no porto local. Simòn, que age como pai vigário de Davìd, afirma de ter prometido ao menino que o ajudará a encontrar a mãe, ‘perdida’ durante a travessia via mar para chegar ao *Relocation Centre*. A tarefa mostra-se desde logo árdua pois, Simòn não conhece esta mulher, não possui fotografias que a retratem, nem informações que possam conduzir a ela, para não dizer que o menino também não tem quase lembranças dela. A única possível pista, uma carta em posse de Davìd, desapareceu durante essa travessia. Dias após dia, os dois aprenderão o estranho conjunto de regras que deverão ter de seguir no novo mundo; um mundo que parece recalcado, no seu aspeto distópico, sobre os retratos dos regimes desumanos representados nos romances de George Orwell. Isto, em breve, o exórdio de *The Childhood of Jesus*, que se desenvolve numa pobre narração de como Simòn ‘epifanicamente’ reconheça em Inés, uma jovem que obviamente não é a mãe biológica de Davìd e que os dois encontram quase por acaso, a mãe do menino. Inès, por seu lado, aceita inexplicavelmente de assumir o papel de mãe de um menino que não é seu, com dinâmicas que em parte (só em parte) aludem à maternidade da Virgem Maria e ao momento da anunciação por parte do Arcângelo Gabriel. O texto prossegue pois contando como a nova e atípica família, que não vive junta e que pelo contrário apresenta também conflitos entre Simòn e Inès relativamente à educação a dar a Davìd, se relacione com o carácter extraordinário de Davìd num lugar que não é de facto para a exceção às regras. O menino de facto manifesta cedo uma inteligência e capacidades superiores à média, acompanhada de atitudes regressivas e de uma nítida infantilidade.

A relação entre título e o enredo é muito lábil: Jesús nunca aparece no texto. Não menos o romance encoraja a uma leitura secular dos conceitos chave do

cristianismo modelado à volta da figura de Cristo no contraste por um lado entre pobreza material e castidade e por outro, riqueza espiritual. O triângulo Simon-Inés-David, apesar de serem sempre uma família privada de laços biológicos, privada de tudo e por último em fuga de um lugar hostil que não parece querer acolhê-los a não ser ao preço de grandes compromissos, alude às vicissitudes da Sagrada Família, apesar de também este tipo de comparação não poder ser completamente fundamentada devido a outras incongruências. Como acontece em todos os romances de Coetzee, mas aqui com maior e quase excessiva insistência, vivemos na ambiguidade. São-nos dados indícios que abrem expectativas não aceites e o texto parece apoiar-se mais na incoerência dos seus elementos que não no contrário. O romance coloca em discussão alguns aspetos cruciais da condição humana, misturando o sagrado com o profano, reivindicando a importância da utopia como fonte de energia onde os seus objetivos também se revelam inatingíveis. A minha apresentação gostaria de deter-se neste aspeto.

*The Childhood of Jesus* suscitou reações muito heterogêneas quer entre leitores, quer entre os seus críticos. A crítica académica até agora mediu-se de pouco ou nada. Definido “a demi-allegory” (SESHAGIRI, 2013, p. 643), “an odd book” (MARKOVITS, 2013, s.p.), “enigmatic” e “Kafkaesque” (TAIT, 2013, s.p.), “an unusual dystopian fiction” (OATES, 2013, s.p.), ambíguo, frustrante, estranho, excêntrico, o romance aparece como provocatoriamente monótono e com o seu enredo incoerente e o seu estilo incolor parece convidar o leitor a segui-lo num deserto; não respondendo a nenhuma das tantas perguntas que levanta, desiludindo as expectativas do romance realístico jogando com o ludibriar. Se fosse por ele, afirmou Coetzee, teria colocado o título no final, deixando branca a capa, mas a editora não o deixou (Coetzee em FARAGO, 2013, s.p.). Romance sobre margens, geográficas e identitárias, *The Childhood of Jesus* empurra também as fronteiras do romance-come-género para além dos limites, sem este que este desafio se configure como um exercício de estilo. Entre os críticos há quem tenha escrito que só contando com o seu estatuto de Prémio Nobel e de vencedor de dois Booker Prize, e da sua consolidada reputação de ícone pós-colonial, Coetzee pôde escrever um romance assim desconcertante. Se tivesse sido um neófito, à procura de editores, não teria tido nenhuma chance. Naturalmente o texto deu também vida a leituras opostas, da mesma forma fortes: alguns viram em *The Childhood of Jesus* uma verdadeira obra de arte que iremos ouvir falar nos anos que virão (BELLIN, 2013, s.p.).

Ambas as críticas, de detratores e apreciadores, têm as suas motivações e razões de ser. Em particular, acho útil o comentário segundo o qual *The Childhood of Jesus* não poderia funcionar se tivesse sido uma ‘obra prima’. Os textos de Coetzee mantêm ligações profundas com o cânone ocidental, no interior da qual a sua produção se inscreve. Samuel Beckett, Frantz Kafka, Fedor Dostoevskij são apenas alguns dos seus pontos de referência com os quais também este texto joga. Todavia, os leitores de Coetzee estão também habituados a uma espécie de intertextualidade interna, ou seja a uma série de referências mais ou menos estreitas, que recorrem *na* sua produção, à sua produção, quer na *fiction* quer nos ensaios. Obras-prima por si, *The Lives of Animals* (1999), *Elisabeth Costello* (2003), *Slow Man* (2005), a trilogia autobiográfica *semi-fictional* composta por *Boyhood* (1997), *Youth* (2002) e *Summertime* (2009), produzem cada vez mais significados se se tem em consideração o aspeto autorreferencial do seu autor. Não surpreende de facto que o título do seu último romance, selecionado entre os finalistas do que para Coetzee seria o terceiro Booker, se intitule *The Schooldays of Jesus* (2016), anunciando-se assim como uma espécie de segundo capítulo de uma longa narração, iniciado com *The Childhood of Jesus* mas ainda não concluído.

Mas voltamos à forma com que Coetzee se aproxima às questões relacionadas com a terra e a identidade e como as duas questões se cruzam na sua obra em geral e em *The Childhood of Jesus* em particular. Os romances do escritor sul-americano muitas vezes escrutinam a relação entre o indivíduo e a terra em termos de uma/o recíproca/o recusa/ acolhimento / desejo/ pertença. A afiliação entre povo e terra foi sempre uma constante na sua narrativa, assim como na sua produção ensaística; disso é testemunho a seminal recolha de ensaios de 1988, *White Writing. On the Culture of Letters in South Africa*, na qual explora o modo como a ligação peculiar entre *settlers*, povos autóctones e país/paisagem tomaram forma no imaginário literário de língua inglesa da África do Sul. É inútil recordar o quão foi, e ainda é, crucial a ligação entre povo e terra na África do Sul, onde durante o apartheid era atribuída aos indivíduos uma identidade étnica que determinava o espaço que lhes era atribuído para viver. Depois do apartheid a questão está longe de ser resolvida e arquivada apesar de ter mudado de fisionomia: o ‘direito’ à terra, que se traduz muitas vezes no direito à ‘melhor’ terra, precedentemente associado por razões coloniais aos brancos, tornou-se uma das reivindicações políticas mais prementes por parte de quem reclama uma ligação mais antiga com o lugar, especialmente sobre critérios de maior ou menor pertença étnica aos grupos um tempo discriminados. A mesma posição de Coetzee como sul-africano branco no seu país

nativo antes e na Austrália, onde se transferiu em 2002, pois (outra escolha privada que teve interpretações também muito fortes *at home*, sendo a Austrália o país no qual muitos sul-africanos brancos emigraram depois de 1994 por sua escolha pois ali não estariam ‘negros’) os longos períodos transcorridos como ‘exilados’ em Londres e nos Estados Unidos, nunca foram vividos pacificamente.

Apesar de ser cidadão australiano oficial desde 2006, o escritor nunca perdeu a ocasião, quer nas suas intervenções públicas que na sua obra, de denunciar a política de imigração australiana. Grande parte das personagens da sua obra são na maior parte ‘estrangeiros’, ‘estranhos’ e nenhum deles pode ser incluído sem a análise da sua relação com a terra, uma relação que para Coetzee a história colonial, tanto do Sul de África de antigamente, quanto da Austrália de hoje, conotou fortemente. Michael K, o protagonista deficiente de *Life and Times of Michael K* (1983), uma espécie de emigrante, foge de todos os sistemas políticos e dos campos que o querem absorver e disciplinar, distancia-se (procura distanciar-se) da história, em substância, para chegar a uma quinta onde crê de poder realizar a sua utopia pessoal: uma vida de camponês passada a tratar da terra, uma terra que escava, como um verme ou uma toupeira, depois de ter efetivamente sepultado as cinzas da mãe, na tentativa de ‘enraizar-se’. O mesmo se pode dizer do menino branco de *Boyhood*, figura parcialmente autobiográfica, a qual utopia para superar a dor ‘ética’ infligida pelo apartheid também nos brancos seria poder-se transformar num animal: “one of those spiders that live in a hole, closing the trapdoor behind him, shutting out the world, hiding” (COETZEE, 1997, p. 28). Em *Disgrace* (1999), Lucy aceita de dar à luz o filho da violação que sofreu e casa-se com um homem com ligações colusivas com o gang que recorreu à violência de forma a não perder a quinta e ficar no país que sente como seu pagando o preço que considera ser justo pagar: “To start at ground level. With nothing. Not with nothing but. With nothing” (COETZEE, 1999, p. 205) comenta ao pai incrédulo o qual, pelo contrário, sugere-lhe de emigrar para a Europa.

Mais do que os outros romances do escritor, *The Childhood of Jesus* é particularmente problemático pois a ligação entre o indivíduo e a terra é devido ao facto que não sabemos nem de onde são as personagens (o cancelamento da memória, da história pessoal é muitas vezes remarcada no texto) nem de onde se desenvolve a história. A individuação dos lugares torna-se aliás impossível devido a um jogo de línguas que intencionalmente mira confundir. Se nas precedentes a *The Childhood of Jesus* nos encontrávamos de frente a um excesso de história, ainda que manuseada com

a consuetada obliquidade de Coetzee, aqui sim tem um excesso de metáforas, de abstração e ao leitor é pedido de aceitar uma série de incongruências como se fossem naturais. O romance, por exemplo, é escrito em inglês mas dá-se por certo que as personagens estejam a falar em espanhol. A metade do texto David canta uma breve canção em alemão (que num jogo intertextual é na realidade uma citação de Goethe) e depois comenta, “That’s all. It’s English. Can I learn English? I don’t want to speak Spanish any more. I hate Spanish”. Pede depois a Simòn para traduzir um verso e o homem responde, “I don’t know. I don’t speak English” (COETZEE, 2013, p. 80). Sabemos que o menino está a aprender a ler a partir de uma cópia de *Don Quixote*, requisitada na biblioteca, mas o texto é nos apresentado como escrito por Benengeli, o autor fictício do manuscrito, em vez de Cervantes, que nunca é nominado. O romance apresenta uma sucessão de afirmações que desorientam o leitor. Como é que se obtém um sentido de tudo isto? De facto, algumas das perguntas que o leitor se coloca são as mesmas que Simòn faz repetidamente aos interlocutores que encontra (bem pouco dispostos a seguir a sua lógica), encontrando dificuldade em seguir o austero racionalismo de Novilla, ao qual todos se inclinaram, que promove uma vida desprovida de emoções, baseada na castidade, numa dieta frugal de pão e creme de feijões e sob uma apertada obediência a uma série de regras incompreensíveis e ilógicas:

... why is he continually asking himself questions instead of just living, like everyone else? Is it all part of a far too tardy transition from the old and comfortable (the personal) to the new and unsettling (the universal)? Is the round of self-interrogation nothing but a phase in the growth of each new arrival, a phase that people like Alvaro and Ana and Elena have by now successfully passed through? If so, how long before he will emerge as a new, perfected man? (COETZEE, 2013, p. 68)

Não há respostas às perguntas que a nova vida levanta em Simòn: as pessoas vestem sobretudo mesmo que não faça frio, fazem trabalhos pesados renunciando deliberadamente ao uso das máquinas porque não considera profícuo ganhar tempo se afinal não se tem nada para fazer e assim por diante. Segundo os arquitetos desta nova sociedade, o impessoal aparato de regras que se apoia na anulação do apetite, do desejo, do prazer e das aspirações, para não dizer de qualquer tipo de desacordo, deveria constituir não *life as it should be* mas *life as it is*. No modo possível, isto è, banal: semelhante àquela dos animais, governados e regulados pelos instintos que, quando não se podem reprimir, são pelo menos disciplinados. Os habitantes de Novilla, presumivelmente também eles um tempo migrantes e agora recolocados no novo mundo e na nova vida, parecem todos estar à vontade: sobrevive-se, não existem necessidades

que não sejam neutralizadas, e isto parece a todos mais do que suficiente. É Simón o único a opor-se; o único julgar, ao contrário, que são desejo e apetites, curiosidade imaterial e direcionada a caracterizar as espécie humana e por isso luta, com palavras e ações, para defender o que crê que seja o seu direito à humanidade: “What is wrong with satisfying an ordinary appetite? Why must our ordinary impulses and hungers and desires be beaten down?” (COETZEE, 2013, p. 37) questiona-se.

Lá onde ao irredutível individualismo de Simón é dado um certo espaço (ele discute as suas ideias com quem quer que o ouça, mesmo sem que haja grande interação) a Novilla, a ‘diferença’ de David é notada como um traço que deve ser cancelado ou corrigido. A inquietante prospectiva de uma escola especial onde o menino será ‘domado’ é suficiente para fazer com que a família fuja, uma fuga em que o destino final obviamente não é claro. Sobre esta milésima indeterminação, mas sobre a ideia de que pelo menos a liberdade futura de um ser ainda não formado seja defendida, termina o romance.

O que me parece que Coetzee queira colocar a foco e também promover, admitindo que a sua escrita promova algo, é uma nova ideia de resistência. Ainda mais uma vez, como se fosse uma continuação de um possível fio vermelho que liga os seus textos, ele dá vida a uma figura marginal: depois do deficiente: Micheal K, a idosa e doente terminal Elisabeth Curren da *Age of Iron* (1990), o Friday mutilado de *Foe* (1986), o menino fraco de *Boyhood*, e as outras tantas figuras que povoam o seu imaginário de *dispossessed* é agora a vez do migrante: uma outra figura que se relaciona em termos de poder como um subalterno. O retrato da sociedade de Novilla, que tem lugar para cada um, na medida em que cada um esteja disposto a obedecer e a não colocar em discussão as regras, mesmo quando derrotam a fronteira do lógico e do humano, é fortemente inquietante. *The Childhood of Jesus* adiciona no entanto um novo elemento relativamente à sua produção precedente pois parece sugerir que se a história e a memória são um peso, o seu cancelamento é ainda mais problemático.

## Referências

- COETZEE, J.M. *Boyhood*. London: Vintage, 1997.
- COETZEE, J.M. *Disgrace*. London: Secker & Warburg, 1999.
- COETZEE, J.M. *The Childhood of Jesus*. London: Vintage, 2013.
- COETZEE, J.M. *White Writing. On the Culture of Letters in South Africa*. New Haven & London: Yale University Press, 1988.

BELLIN, R. A Strange Allegory: J.M. Coetzee's *The Childhood of Jesus*. *Los Angeles Review of Books*, Los Angeles, November 6 2013. Disponível em: <<https://lareviewofbooks.org/article/magical-child-troubled-child-on-jm-coetzees-the-childhood-of-jesus/#!>>. Acesso em: 25 jun. 2016.

FARAGO, J. J.M. Coetzee's Stunning New Novel Shows What Happens When a Nobel Winner Gets Really Weird. *New Republic*, New York, September 14, 2013. Disponível em: <<https://newrepublic.com/article/114658/jm-coetzees-childhood-jesus-reviewed-jason-farago>>. Acesso em: 25 jun. 2016.

MARKOVITZ, B., *The Childhood of Jesus* by J.M.Coetzee – a review. *The Observer*, London, Saturday 2 March 2013. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/books/2013/mar/02/childhood-of-jesus-jm-coetzee-review>>. Acesso em: 25 jun. 2016.

OATES, J.C. Saving Grace. J.M. Coetzee's *Childhood of Jesus*. *The New York Times*. New York, August 29 2013. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2013/09/01/books/review/j-m-coetzees-childhood-of-jesus.html>>. Acesso em: 25 jun. 2016.

RUSHDIE, S. *Imaginary Homelands. Essays and Criticism 1981-1991*. London: Granta, 1991.

SESHAGIRI, U. The boy of La Mancha: J.M. Coetzee's *The Childhood of Jesus*. *Contemporary Literature*, vol. 54, n. 3, pp. 643-653, 2013.

TAIT, T. *The Childhood of Jesus* by J.M.Coetzee – a review. *The Guardian*, London, Wednesday 27 february 2013. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/books/2013/feb/27/childhood-of-jesus-jm-coetzee-review>>. Acesso em: 25 jun. 2016.